

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

**ENTRE PONTOS E FUXICOS, COLO E BORDO O QUE ACREDITO  
O artesanato na cidade de Cruz das Almas-Ba**

**ELENISE SANTOS DE CAMARGO**

CACHOEIRA/BA

Outubro 2021

ELENISE SANTOS DE CAMARGO

**ENTRE PONTOS E FUXICOS, COLO E BORDO O QUE ACREDITO**  
**O artesanato na cidade de Cruz das Almas-Ba**

Memorial apresentado ao Colegiado de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a obtenção do título de graduação em Bacharel em Artes Visuais.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Rosana Soares**

CACHOEIRA/BA  
Outubro 2021



SISTEMA DE BIBLIOTECAS

UFRB

Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL -  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRB

1 Identificação do tipo de documento

Tese [ ] Dissertação [ ] Monografia [ ] Trabalho de Conclusão de Curso  Memorial [ ] Outros [ ]

2 Identificação do autor e do documento

Nome completo: Elenix Santos de Camargo.

CPF: 04036752510

Nº de Matrícula do Curso: 201510849 Telefone: (75) 99272-9763

e-mail: elenixcamargo@hotmail.com

Curso de Pós-Graduação/Graduação/Especialização: Bacharelado  
em Artes Visuais

2.1 Título do documento:

Entre pontes e juriscos, gelo e fogo a que acudisto. O artesanato na cidade de Cruz dos Almos - BA

Data da defesa: 04 de outubro de 2021

3 Autorização para publicação na Biblioteca Digital da UFRB

Autorizo com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca da UFRB para fins de leitura e/ou impressão pela Internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Texto completo  Texto parcial [ ]

Em caso de autorização parcial, especifique a (s) parte(s) do texto que deverão ser disponibilizadas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Local Data Assinatura do (a) autor (a) ou seu representante legal

27 de janeiro 2022, Cruz dos Almos, Elenix

4 Restrições de acesso ao documento

Documento confidencial?

Não

[ ] Sim Justifique: \_\_\_\_\_

4.1 Informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca Digital da UFRB:

31 / 01 / 2022 [ ] Sem previsão

Assinatura do Orientador: \_\_\_\_\_ (Opcional)

Assinatura do Autor: Elenix (Obrigatório)

O documento está sujeito ao registro de patente? Não  Sim [ ]

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim [ ] Não

Conforme Resolução 003/2018 do CONAC, Após a apresentação e aprovação do trabalho, o aluno deverá encaminhar duas cópias do trabalho final em mídia digital (em formato pdf) devidamente assinada pela Banca e pelo Orientador para registro no Colegiado do Curso e 1 (uma) mídia para ser encaminhada para a Biblioteca onde o curso funciona acompanhada do termo de autorização para publicação.

ELENISE SANTOS DE CAMARGO

**ENTRE PONTOS E FUXICOS, COLO E BORDO O QUE ACREDITO:  
O artesanato na cidade de Cruz das Almas-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB.

Aprovado em Cachoeira, 04 de outubro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosana Soares – Orientadora



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilei Catia Fiorelli



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Priscila Miraz de Freitas Grecco



## RESUMO

Este memorial apresenta reflexões decorrentes das experiências vivenciadas por mim e por artesãs, do ArtCruz, um grupo de mulheres artesãs da cidade de Cruz das Almas -BA. Suas histórias são referências para a obra “*Entre pontos e fuxicos, colo e bordo o que acredito*”. Na perspectiva da poética, a obra traz uma criação artístico artesanal que utiliza técnicas de desenho, bordado, colagem, fuxico e fotografia. Ampliando a discussão em torno da atividade artesanal das mulheres participantes da pesquisa, discutiu-se a existência de políticas públicas para o desenvolvimento social, econômico e cultural da cidade, de modo que possa colaborar para a melhoria da vida das produtoras e consumidores e, conseqüentemente, para a economia local. Outro ponto importante abordado nessa pesquisa se referiu à qualidade do artesanato, no sentido de formação continuada para a artesã, da identidade das peças e a estética dos objetos produzidos. O aporte teórico está centrado nas discussões apresentadas pelos autores Ricardo Lima, Borges, Keller e outros autores que se debruçam sobre as questões que envolvem o objeto de estudo desse trabalho. A pesquisa também pode ser considerada como uma troca de saberes devido a atividade artesanal da autora. Assim, o trabalho se apresenta como um memorial partilhado quando se assenta na experiência das artesãs e nos depoimentos destas. Partindo de todas essas questões, entrelaçadas e dinâmicas, esse memorial revelou possibilidades e limites do trabalho artesanal na cidade de Cruz das Almas em diálogo ampliado com os atores sociais da pesquisa.

**Palavras-chave:** Trabalho. Artesanato. Poética.

## ABSTRACT

This memorial presents reflections arising from the experiences lived by me and by artisans, from ArtCruz, a group of women artisans from the city of Cruz das Almas - BA. Their stories are references to the artwork "Entre pontos e fuxicos, colo e bordo o que acredito". From the perspective of poetics, the work brings an artisanal artistic creation that uses drawing, embroidery, collage, fuxico and photography techniques. Expanding the discussion around the artisanal activity of the women participating in the research, the existence of public policies for the social, economic and cultural development of the city was discussed, so that it can collaborate to improve the lives of producers and consumers and, consequently, for the local economy. Another important point addressed in this research referred to the quality of handicraft, in the sense of continuing education for the artisan, the identity of the pieces and the aesthetics of the objects produced. The theoretical contribution is centered on the discussions presented by the authors Ricardo Lima, Borges, Keller and other authors who focus on the issues that involve the object of study of this work. The research can also be considered as an exchange of knowledge due to the author's artisanal activity. Thus, the work presents itself as a shared memorial when it is based on the experience of the artisans and on their testimonies. Based on all these intertwined and dynamic questions, this memorial revealed possibilities and limits of artisanal work in the city of Cruz das Almas in an expanded dialogue with the social actors involved in the research.

**Key-words:** Work; Craftsmanship; Poetics.

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Ely Wesli e Vera Lucia. Ao meu esposo Silas Silva, minhas irmãs e irmão, por todo apoio e incentivo.*

*Ao grupo Artcruz pelos anos de companheirismo e amizade.*

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente agradeço ao meu Deus por todo bem que tem feito em minha vida e por ter me dado forças para concluir este curso. Agradeço aos meus pais Ely Wesli e Vera Lucia, pela boa educação e inspiração com suas histórias de vida, que mesmo com grandes dificuldades sempre buscaram fazer o melhor por mim e meus irmãos, nos incentivando e apoiando em nossas decisões.

Ao meu esposo Silas Silva que nesses 6 anos de casado e de curso tem comprado minhas ideias mais malucas e acreditado em mim muito, mesmo quando eu mesma queria não acreditar. Obrigada por tudo.

Agradeço também as minhas irmãs Noemi, Noely, Uyara e irmão Samuel Wesley por todo apoio e companheirismo em todos esses anos, sempre ajudando um ao outro em todos os projetos e desafios, e por ter me dado meus sobrinhos e sobrinhas que amo tanto e ilumina os meus dias.

Agradeço a todos os meus professores e colegas do curso de arte visuais em especial a minha amiga e irmã em cristo, Gicélia Carvalho minha parceira de trabalho e companhia de todas as noites.

Ao meu amigo Marcos Roberto (in memoria) que se foi tão cedo, mas ficou marcado pra sempre em minha memória por seu companheirismo e graciosidade

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Rosana Soares por toda contribuição e comprometimento neste trabalho.

As artesãs do grupo Artcruz do qual faço parte, muito obrigado a todas vocês por compartilha suas experiencias e por me permitirei fazer parte da vida de vocês, em especial a Luciene Melo, Ana Gabriela Jaqueira, Sonia Coelho, Maria da Gloria, Clemilda Matias, Hildete Santos e Michele Azevedo por ter dedicado um tempo do seu dia para as entrevistas incluída neste trabalho.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Parte do grupo Artcruz na Exporflores 2019 .....	22
Figura 2: Desenho feito a lápis através de fotografia .....	32
Figura 3: Transferência do desenho para o tecido .....	32
Figura 4: Técnica de bordado, ponto atrás. Tecido preso ao bastidor .....	32
Figura 5: Etapas de produção de um fuxico .....	33
Figura 6: Mostruário de pontos de bordado .....	34
Figura 7: Técnica de colagem .....	35
Figura 8: Tela 01.....	36
Figura 9: Tela 02 .....	37
Figura 10: Tela 03 .....	38

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1 Memórias Partilhadas .....	10
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b> .....	12
2.1 Trajetória no Curso de Artes Visuais .....	12
2.2 Breve História do Artesanato .....	14
2.3 Espaço do Artesanato em Cruz das Almas-BA .....	17
2.4 O Artesanato e Eu .....	21
2.5 A Criação do Grupo ArtCruz: Histórias e Memórias .....	21
2.6 Análise da Obra: “Entre pontos e fuxico, colo e bordo o que acredito” .....	31
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	41
<b>5. ANEXOS</b> .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um memorial acadêmico que tem como objetivo poetizar a história de um grupo de mulheres do ArtCruz, que é um grupo de artesãs, da cidade de Cruz das Almas – BA, que se juntaram para buscar formas dignas de trabalho, valorização e criação de uma identidade artesanal para o município.

Tal poética resultou na obra “*Entre pontos e fuxicos, colo e bordo o que acredito*”, que une técnicas artesanais e artísticas como a fotografia, o bordado, o fuxico, a colagem e juntas foram transformadas em telas com reproduções de imagens das artesãs entrevistadas.

No desdobramento dessa poética, este memorial inicia com uma autobiografia destacando as relações familiares, sociais, acadêmicas e culturais, e as experiências vivenciadas no contexto do Curso de Artes Visuais, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, observando como essas vivências contribuíram para o meu desenvolvimento humano, acadêmico e profissional.

A metodologia utilizada para dar sustento ao trabalho foi a pesquisa de campo documental com uma abordagem qualitativa, feita por meio da gravação de vídeos com entrevistas de 6 artesãs selecionadas do grupo ArtCruz. Também foram utilizadas pesquisas em artigos, teses, publicações em revistas, livros, entrevistas e dissertações, em sua grande maioria, encontrados em sítios eletrônicos na internet. Os critérios para a seleção das artesãs basearam-se na faixa etária, nas histórias de vida e experiências delas com o artesanato.

Não me prenderei às várias conceituações existentes sobre artesanato, visto que existe uma vasta discussão sobre o que é e o que não é artesanato. Entretanto, devo ressaltar que, o conceito usual desse termo está relacionado ao objeto, ou produto final que tem por origem o fazer com as mãos. Devo ressaltar ainda que essa discussão reflete as questões sociais, políticas e culturais do país. Isto porque, as fronteiras da compreensão desses termos estão diretamente relacionadas às concepções hierárquicas da sociedade, que estabelece a crença de que a arte emerge das elites sociais, enquanto o artesanato é fruto das camadas menos favorecidas. (BONETI, 2011, p. 12)

Analizamos os elementos constitutivos desse trabalho com um olhar da tradição, do conhecimento de geração à geração, da contemporaneidade, da sabedoria popular e da possibilidade de inclusão do artesão nos mais variados meios de interação social.

A pesquisa revelou, por meio da fala das artesãs o quanto é necessário a criação de políticas públicas que contemplem esse grupo de profissionais, que sejam capazes de alcançar as demandas do grupo, que crie um espaço adequado para elas e que ofereçam o suporte técnico com cursos, capacitações e também um suporte financeiro.

Os resultados também mostraram o quanto o artesanato na cidade de Cruz das Almas carece de valorização, da criação de uma identidade local e de uma quebra dos estereótipos que classificam o artesanato com um subproduto típico das classes menos favorecidas social, econômica e culturalmente.

## **1.1 MEMÓRIAS PARTILHADAS**

Eu sou Elenise Santos de Camargo, 32 anos, evangélica, mulher negra, com cor de pele clara, cruzalmense, casada, artesão e futura artista visual. Sou filha de Ely Wesli de Camargo, autônomo aposentado e Vera Lucia de Camargo, costureira aposentada, sou a 5ª (quinta) dos 5 (cinco) filhos de meus pais.

Sempre tive contato com a costura, pois minha mãe sempre costurou em casa, porém foi no ano de 2004, aos 15 anos de idade, que tive o primeiro contato com o artesanato, através de um curso oferecido pela prefeitura da cidade. Durante o curso fui convidada a trabalhar fazendo customização de roupas. A partir de então passei a trabalhar e transformei o artesanato em minha renda.

Minha mãe, uma mulher negra de cor de pele escura, oriunda de família de afrodescendentes da região de São Félix, casou-se com meu pai, homem branco de cor de pele branca de origem portuguesa, oriunda da região do Paraná – PR. Dessa união descenderam os cinco filhos, os quais eles criaram com muito esforço e dedicação e, apesar das dificuldades econômicas e sociais eles sempre nos incentivaram a estudar, como uma forma de modificar a condição das nossas vidas.

Meu pai sempre foi vendedor e minha mãe trabalhou como doméstica e charuteira. E, mesmo com condições financeiras limitadas, eles lutaram para que 4 (quatro) dos 5 (cinco) filhos tivessem a educação infantil inicial em escolas particulares do município, ainda que fossem as mais baratas. Mas isso era somente por 1 (um), no máximo 2(dois) anos. Depois disso, todos davam continuidade aos estudos em instituições públicas municipais ou estaduais.

E assim foi por toda a minha educação fundamental e o ensino médio, o qual concluí no ano de 2006. Durante 5 anos trabalhei e estudei para passar no vestibular, mas só obtive resultado positivo em 2011, quando passei na primeira seleção (pelo ENEM) para o curso de Filosofia, na UFRB.

Nesse período de 5 (cinco) anos foi quando comecei minhas primeiras produções no universo criativo do artesanato, mas lembro bem que a primeira exposição pública do meu trabalho me gerou um enorme sentimento de frustração porque, assim como boa parte da sociedade, eu não valorizava o meu trabalho, achava ele grosseiro sem a “fineza” dos industrializados. Segundo LIMA apud BORGES, “No Brasil, a expressão ganha uma conotação depreciativa relacionada à ausência de sofisticação e feitura rudimentar ou grosseira...” (2015: p.12) os autores ainda completam essa percepção afirmando que “... é possível observar essa depreciação do artesanato em nossa sociedade que tende a desvalorizar o que é feito pelas classes C, D e E.” (LIMA, 2015: p. 12)

Era exatamente essa a minha percepção inicial sobre o artesanato. Mas ao longo do tempo e depois de participar de mais algumas feiras de exposição, eu passei a conviver com pessoas que tiveram a sua história de vida transformada pelo trabalho artesanal, em diversos aspectos e isso foi mudando a minha visão sobre essa área de atividade humana. Da mesma forma, algumas aulas do curso de Artes Visuais me ajudaram a enxergar a artesanato como um leque de possibilidades de expressão do intelecto e da alma de um artesão.

A partir de então, percebi que o fazer artesanato tem a capacidade de formar e transformar, criar e recriar, de inspirar, curar, ressignificar, moldar, resgatar, inserir, dar dignidade e melhorar a autoestima de quem o produz e de quem o adquire. Por isso, os objetivos específicos deste trabalho são: conhecer a história de vida e de produção artesanal das mulheres do ArtCruz; entender o papel do artesanato na vida delas e, por fim, poetizar a história dessas mulheres com a construção da obra artística artesanal “*Entre pontos e fuxicos, colo e bordo o que acredito*”.

Da junção dessas vivências surgiram inquietações que culminaram no desenvolvimento desse trabalho, o qual será descrito na sequência desse texto que, por sua vez, está dividido em 3 partes, partindo da Introdução, que traz uma apresentação ampla do tema estudado; em seguida tem o desenvolvimento, onde será apresentado com mais detalhes algumas considerações sobre artesanato e minha relação com esse objeto de estudo, além de uma descrição detalhada da minha obra. E, por fim, apresento as considerações finais onde trago uma síntese do que foi trabalhado ao longo da pesquisa e as sugestões possíveis de intervenção sócio política para a valorização do artesanato na cidade de Cruz das Almas – BA.

## **2 - DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 TRAJETÓRIA NO CURSO DE ARTES VISUAIS**

Entrei na UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) no ano de 2011 para fazer o curso de Filosofia na cidade de Amargosa e, logo nas primeiras semanas do curso percebi que não era o curso que eu queria, pois o meu desejo sempre foi o de fazer artes tentei fazer a prova interna mas, não deu certo.

Foi então que no ano de 2015 comecei o curso de Artes Visuais também pela UFRB. Minha trajetória no curso de artes visuais foi desafiadora e por diversas vezes e vários motivos pensei em desistir. Início do curso houve uma greve que durou 4 (quatro) meses nos atrasando em um semestre no curso, o trajeto até a universidade foi uma das minhas maiores dificuldades, pois vivia com o medo de ser assaltada nos transportes assim como já havia acontecido com outros alunos ou até mesmo sofrer algum acidente, os dias sem aula e sem poder voltar pra casa mais cedo pois os transportes só saíam as 23:00hs, o chegar meia noite em casa, a insegurança de muitas vezes voltar esse horário sozinha, a escassez de recursos foram alguns dos percalços enfrentados durante a graduação. Mas em meio aos desafios, conheci pessoas maravilhosas e fiz amizades para a vida.

Apesar das dificuldades enfrentadas dia após dia, tive a oportunidade de aprender com ótimos professores, e foi em uma dessas aulas que descobri que podia falar sobre o que eu vivia, sobre o que eu gostava de fazer, sobre mulheres como eu, que lutam por um espaço e pelo reconhecimento em uma sociedade que nem sempre valoriza o artesanato, no curso que compreendi que eu deveria usar todo o conhecimento obtido para buscar os meios necessários para sobrepujar os obstáculos que atrapalham o desenvolvimento dessa arte que ao meu ponto de vista precisa de uma reparação social.

As artes que faço hoje não aprendi dentro da universidade, mas, foi lá que aprimorei e conheci algumas técnicas que melhoraram o meu desempenho na realização de minhas criações. Dentre esses aprendizados posso destacar os conhecimentos adquiridos com as aulas da disciplina Processos Artísticos, nas quais percebi como a pintura livre, desconstruída favorecia o trabalho que eu já desenvolvia. Nelas também aprendi muito sobre mistura de cores, tonalização, secagem, xilogravura entre outras técnicas valiosas para as minhas atividades. Devo destacar ainda os conhecimentos sobre colagem e sobre a relação intrínseca da arte com a comunicação.

“Ao perceber e criar formas visuais, está se trabalhando com elementos específicos de linguagem e suas relações no espaço (bi e tridimensional). Elementos como ponto, linha, plano, cor, luz, volume, textura, movimento e ritmo relacionam-se dando origem a códigos, representações e sistemas de significações.” (PCNs, 1998, p. 64)

Por fim, tive a oportunidade de fazer a disciplina História, Memória e Oralidade, ministrada pela professora Doutora Maria de Fátima Ferreira, uma profissional extraordinária que trouxe para mim informações muito valiosas sobre diversas técnicas de bordado e suas histórias. Esse contato, foi fundamental para a construção do meu trabalho de conclusão de curso, posto que por meio dos conhecimentos apreendidos nas aulas dessa disciplina, pude perceber a possibilidade de criar uma obra que, utilizando as técnicas de artesanato que já conhecia, pudesse representar um pouco da história/memórias das mulheres artesãs do município de Cruz das Almas.

Esses saberes reforçam a necessidade de valorização do ensino de Artes em qualquer esfera educacional, entendendo que “O ser humano percebe o mundo por meio dos sentidos convertendo-o em imagens em sua mente e, apesar de utilizar para isso todos os sentidos, que não apenas o da visão, a imagem criada na mente é em sua essência uma projeção visual”. (READ, 2001, p. 37-38)

Com isso, entendo, portanto, que estudar Artes Visuais me fez perceber o valor histórico, social, econômico, cultural e pessoal de uma produção artística e de uma produção artesanal também. Isto porque estes fazeres envolve sentidos, experiências e traz em si referências, histórias e memórias da nossa maneira de ver, sentir, pensar e agir no mundo.

Para a minha prática como artesã, o curso de Artes Visuais foi transformador, porque ampliou a minha visão artística consideravelmente. Pude desenvolver novas técnicas e aperfeiçoar as antigas, adquirir conhecimentos científicos e melhorei o acabamento dos meus produtos. Eu pude aprender novos pontos de bordados, aperfeiçoei os traçados, descobri minha habilidade com a pintura abstrata, tive contato com a fotografia artística e profissional.

Com esses conhecimentos eu percebi que os limites entre o fazer artesanal e a arte é muito pequeno, bastava um olhar para dentro de mim mesma. E a UFRB teve um papel fundamental nesse processo, pois os professores e colegas me ensinaram a valorizar minha história, minhas raízes, fortalecer minha identidade, e valorizar a oportunidade que tive de, sendo negra (de cor de pele clara) e de família de baixa renda, poder entrar numa Universidade pública, federal e enxergar a possibilidade de ser agente na construção de um mundo melhor.

## **2.2 BREVE HISTÓRIA DO ARTESANATO**

A história do artesanato está diretamente relacionada à história da existência humana, visto que durante milênios a única forma de fazer objeto era de modo manual. O mundo foi feito à mão, a humanidade foi feita à mão, seja por meio de um pequeno



objeto ou por uma ferramenta que ajudou a derrubar e construir impérios, escrever histórias e perpetuar experiências, conhecimentos e saberes entre as gerações.

Para Lima (2011)

“Se olharmos o tempo de existência do artesanato, vemos que essa classe de objetos foi crucial para toda humanidade, que foi assim que a humanidade se fez, com objetos feitos à mão, fosse uma casa, uma colher, uma arma, qualquer adorno, ou qualquer outra coisa... Então a importância do artesanato é a importância da própria vida de homem. (p.189)

Essa prática humana sempre esteve ligada à confecção de objetos para atender às necessidades do cotidiano dos indivíduos, seja tecendo fibras de origem animal ou vegetal, polindo pedras e transformando-as em ferramentas para pesca, caça e agricultura, ou moldando o barro para produzir vasos, copos e outros utensílios indispensáveis para a sobrevivência das famílias. Além de suprir suas necessidades diárias, esse processo revela ao longo dos séculos e milênios, a capacidade criativa e produtiva do homem e a transformação de suas habilidades comuns em práticas de vida e trabalho. (LAMPEN, 2001 apud SANTOS, 2010, p. 1)

Vale ressaltar que essas práticas, transmitidas de geração em geração, se tornaram-se, ao longo dos séculos, atividades laborais com retorno financeiro capaz de atender, ao menos, as necessidades básicas das famílias e, muitas vezes essas atividades ultrapassavam o limite do ambiente familiar e se estendia por outros grupos sociais, culturais e econômicos, vinculando-se, diretamente, ao universo do trabalho, da existência e da sobrevivência humana.

No Brasil, o artesanato está fortemente relacionado à história dos índios, os quais usavam pintura (com extração de pigmentos naturais) e pintavam seus corpos, faziam desenhos em rochas e decoravam objetos como cocar, tangas, arcos, flechas, vasos de cerâmica, cestas e outros objetos, todos criados por eles mesmos.

“Historicamente o artesanato brasileiro nasce de várias culturas: desde a cultura indígena, a cultura africana, a cultura dos imigrantes europeus e asiáticos, a cultura norteamericana e ultimamente à influência da globalização. Todas essas culturas interagem em nosso país, combinando-se e transformando-se constantemente.” (BORGES. p.25)

Ao longo dos anos, com o processo de miscigenação do povo brasileiro, várias culturas deixaram suas influências nas produções artesanais do Brasil, o que torna o

país um dos mais ricos no que diz respeito à criatividade e à variedade de expressões artísticas e artesanais do mundo.

Com isso, ao longo das décadas, a prática artesanal no Brasil tornou-se uma atividade extremamente relevante para economia nacional. Segundo Lima (2015) ela pode estar entre os cinco maiores contribuintes para o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. (p. 12)

Ainda segundo Lima apud Borges (2011),

Um artesão que vive nas grandes cidades movimenta cerca de três salários mínimos por mês; e o das pequenas cidades, meio salário mínimo. Esses números são reais, temos feito levantamento nesse sentido. Então, se fizermos uma média de um salário mínimo por mês por artesão e multiplicarmos por 8,5 milhões, teremos uma cifra de 55 bilhões anuais. (p. 12)

Essa realidade revela a resistência do artesanato à ação do tempo e das transformações sociais e econômicas e, por se tratar de uma atividade acessível e, muitas vezes rentável, ela pode ser desenvolvida por qualquer pessoa. Da mesma forma, pelos dados já informados, ele se destaca como um importante gerador de renda, sobretudo, nas populações menos favorecidas economicamente. Entretanto, nesse ponto, deve-se ressaltar a questão do valor social do artesanato, observando que, no Brasil, apesar de sua importância econômica, a prática artesanal é vista com preconceito, gerando uma calorosa discussão entre os conceitos de arte e artesanato.

Para Vergara e Silva apud Chiti (2003) "... independente do lugar geográfico ou do território da produção, todo o artesanato deve apresentar manualidade." Deve-se minimizar o uso de ferramentas para que estas não impeçam o contato direto do artesão com a matéria-prima, pois tal contato humaniza o objeto e dá identidade ao produto. (p. 34)

Lima (2015), por sua vez, sugere que se redirecione o uso das palavras arte a artesanato sob duas perspectivas:

"Minha proposta é que reservemos o termo artesanato para nos referir ao processo de produção do objeto, à tecnologia que, predominantemente executada com as mãos, dá forma ao objeto, independente do fato de serem mãos eruditas ou populares. Assim, tanto a rendeira de bilro e o oleiro quanto o escultor ou o pintor consagrados, para realizar seu trabalho lança mão de uma tecnologia em que a manualidade é da maior importância. E isto é artesanato. E eles são artesãos." (p. 7)

Essas concepções trazidas até então revelam a minha experiência pessoal sobre o trabalho artesanal e a visão que eu tinha sobre essa atividade humana, emergindo uma crença que, provavelmente está enraizada na mentalidade de muitas pessoas, tanto as que produzem o artesanato, quanto as que consomem um produto com tais características.

## **2.3 ESPAÇO DO ARTESANATO EM CRUZ DAS ALMAS**

Para entendermos o espaço do artesanato no município de Cruz das Almas é importante conhecer um pouco da história de formação da cidade e sua estrutura geográfica, social, econômica e cultural.

A cidade de Cruz das Almas tem sua história explicada em duas versões. A primeira conta sobre a existência de um cruzeiro em uma antiga estrada de tropas que levava às cidades de São Félix e Cachoeira. Nesse local, os tropeiros (viajantes) passavam com frequência transportando mercadorias e paravam para descansar, se reuniam para pagar promessas, fazer novenas, cantas ladainhas, invocar os santos protetores e rezar pelas almas à noite. A segunda história conta que nas proximidades de onde hoje está localizada a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, havia uma cruz fincada, no ponto mais alto do planalto cruzalmense, e nessa região que ligava o cruzeiro ao porto de Cachoeira, foram surgindo casas de pau a pique, em pequenos espaços na mata ao redor. Assim foram edificadas as primeiras casas pelos tropeiros, formando um pequeno núcleo habitacional, ao redor do Cruzeiro das Almas. (SANTANA, 1997, p. 25)

Após a criação da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, pessoas das regiões próximas foram atraídos pela fertilidade do solo cruzalmense, rico para a cultura de citros, banana, mandioca, inhame, amendoim, hortigranjeiros e outros produtos agrícolas. Ao longo dos anos essas culturas foram substituídas e superadas pelo fumo, laranja e amendoim.

A população de Cruz das Almas está em torno de 63.299 habitantes com uma densidade demográfica de 402,12 hab./km<sup>2</sup>. A cidade está situada no sul do recôncavo baiano, distando a 146 km da capital Salvador. O município ainda faz

limites com outros municípios da região e se apresenta como o comércio mais desenvolvido entre os municípios mais próximos.

A sua localização privilegiada juntamente com suas características geográficas e econômicas, fazem de Cruz das Almas um importante centro cultural e econômico da região. Em se tratando da economia, isso se dá pelo fato da cidade abrigar indústrias, ter um comércio que abastece outras cidades e também pelo desenvolvimento recente advindo da implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

No que diz respeito à cultura, não poderia deixar de falar sobre um dos maiores festejos regionais do Nordeste: o São João cruzalmense. Movimento cultural realizado anualmente no mês de junho, o qual recebe um grande contingente de turistas vindos de diversos lugares do Brasil e do mundo. O São João de Cruz das Almas é referência em festas populares. Durante os dias de festas as famílias se reúnem em suas casas para receber amigos e visitantes e oferecer alimentos típicos da colheita da estação. Muitos desses alimentos são fruto da agricultura do município, dentre os quais se destacam o milho, amendoim, licor de jenipapo, licor de maracujá e outros alimentos derivados dos citados tais como bolos, balas, cocadas e canjicas. (Dados extraídos do site da prefeitura Municipal)

Outro movimento cultural da cidade era a “Guerra de espadas”. Diretamente relacionada às festividades juninas, esse movimento consistia na queima de um determinado fogo de artifício, de formato cilíndrico, preenchido por barro e pólvora, o qual depois de ser aceso exibia um show de luzes de chamas.

“Identificar as origens da Guerra de Espadas é um itinerário complexo e normalmente movediço. O próprio jornal nos leva para o início do século XX, em que já havia a queima de busca-pés. Os registros orais nos permitem dizer que é uma tradição centenária. Os busca-pés eram confeccionados com pólvora, taboca ou papelão cilíndrico bastante resistente e barro. Eram fabricados artesanalmente, mas por fogueteiros, ou seja, aqueles que possuíam maiores conhecimentos técnicos sobre a produção e que davam a continuidade à tradição, passando-a entre gerações. Com o avançar do tempo o busca-pé foi modificado por motivos de segurança, já que era fabricado para explodir no final de sua queima.” (CEZARINHO. 2018, p. 36)

Essa tradição cultural faz referência direta ao surgir do artesanato no município. O aparecimento público/social do artesanato em Cruz das Almas tem sua história relacionada às comemorações das festividades juninas, que são fortes na nossa

região. Nesse período, a prefeitura municipal, reservava um espaço, nas proximidades do local da festa para barracas de alimentação e artefatos relacionados ao São João. Depois de alguns anos, começaram a surgir barracas com suvenires e alguns elementos que servissem de “lembrancinhas” para os visitantes.

Entretanto, não havia muitas produções que representassem a cultura local, além de algumas miniaturas de “espadas”. As espadas são fogos de artifícios que eram produzidas em grande escala para comércio e consumo do próprio fabricante durante os dias da festa de São João na cidade.

Com a criminalização das espadas como arma de fogo, o que se produzia como artesanato referente à cultura cruzalmense, deixou de ser produzido, para que não se fizesse alusão à um elemento legalmente proibido.

Foi em 2011 que a Guerra de Espadas se tornou crime. Oriunda do Ministério Público do Estado da Bahia, a Ação Cautelar tem tentado suspender a tradição. Foram alegados motivos diversos. Por exemplo, a espada ser um explosivo e arma de fogo; ter a Guerra de Espadas caráter destruidor dos bens públicos; e, diferentemente dos pressupostos “civilizados”, ser e estar assentada em princípios de irracionalidade. Foram esses os principais argumentos instituídos pelos agentes da lei no município de Cruz das Almas fazendo com que a prática caísse nas teias da criminalização. (CEZARINHO. 2018, P. 42)

As barracas do São João, passaram, então, a ser ocupadas por artesãos que viam de outras regiões do estado, mas poucas ou quase nenhuma era ocupada por artesãos locais.

No curso dos anos começaram a surgir algumas barracas com artesãos que exibiam alguns panos de prato com detalhes em crochê, chaveiros de penas de animais, toalhas em crochê e alguns trabalhos normalmente feitos com tecido e crochê. Além disso, o que se via eram artes feitas por índios vindos de Porto Seguro – BA e Areembepe – BA.

Os anos se passaram e o famoso “Arraia de Cruz das Almas” foi se tornando uma festa amplamente procurada por pessoas de muitos estados do Brasil e de outros países também. Foram surgindo novas artesãos e junto com elas o desejo de exporem seus trabalhos de alguma forma. Mas ainda assim, os espaços disponíveis e os eventos eram muito raros e, quanto aconteciam, o espaço destinado para exposições artesanais eram insignificantes.

Com a mudança no cenário político do município, surgiu um grupo de pessoas que eram ligadas à política e também eram apreciadoras de artesanato. Daí houve

uma procura por espaços e eventos nos quais as artesãs da cidade pudessem estar. Nasceram oportunidades para exposição no Festival da Juventude, Feira do Faesol (Feira desenvolvida pelo curso de Gestão de Cooperativas da UFRB), Expoflores, Fórum Internacional da UFRB, Feira do dia das mães, Feira da Consciência Negra e Feira do Natal.

A partir de então, o cenário começa a se modificar, e um dos movimentos/feiras que mais deu visibilidade ao artesanato em Cruz das Almas foi a Expoflores, que, inicialmente era apenas uma Exposição de plantas frutíferas e ornamentais que reunia produtores/cultivadores de plantas do município, mas, posteriormente, tornou-se um grande evento que reúne artesanato, alimentação e plantas. A exposição acontece na praça principal (Praça Senador Temístocles), localizada no centro da cidade. O espaço foi ampliado para artesãs de diversas categorias de produção, as quais dividiam as barracas umas com as outras para a exposição de seus itens.

Depois o espaço continuou crescendo e cada artesã passou a ter sua própria barraca, que ficava montada uma ao lado da outra, durante todos os dias do evento, o dia todo e, às vezes, à noite. Como consequência, a demanda por barracas para exposição de artesanatos, aumentou consideravelmente e o foram aparecendo muitas artesãs e artesãos com trabalhos variados. Produções em crochê, E.V.A, pinturas diversas, macramê, bonecas de pano, objetos em feltro, patchwork, cartonagem, biscuit, bordados variados, tricô, tricotin, amigurumi, mdf, garrafas pet, saboaria e pneus.

Foi nesse universo criativo que conheci mulheres incríveis, com histórias, vivências e experiências maravilhosas, com um histórico de lutas, batalhas e conquistas e que por meio do artesanato, conseguiram sustentar suas famílias, venceram doenças psíquicas, superaram violência doméstica e conseqüentemente vem conseguindo conquistar seu espaço no mercado de trabalho.

## **2.4 – O ARTESANATO E EU**

Comecei a fazer artesanato em 2007, quando minha irmã viu uma reportagem na televisão sobre produção de bonecas e me incentivou a fazer uma. A primeira boneca não deu muito certo, mas a segunda já foi uma encomenda que essa mesma irmã fez para dar de presente. Essa segunda produção já melhorou um pouco e todo a produção foi feita com sobra de materiais das costuras de mainha. E assim foi ao longo de um bom tempo.

Ainda no ano de 2007, no mês de dezembro, participei de mais uma feira de artesanato, onde eu conheci as primeiras artesãs que me inspiraram a fazer o trabalho que faço hoje. Nessa feira, eu praticamente não consegui vender nada do material produzido para feira, mas voltei pra casa sabendo que eu podia melhorar as minhas técnicas para desenvolver melhor o meu trabalho.

Daí em diante, foram mais de 35 feiras de artesanatos e em cada uma delas tive encontros e desencontros, construí laços de amizades, conheci novos lugares e vivenciei experiências incríveis com uma categoria profissional quase esquecida pela sociedade, a categoria das artesãs. Um grupo de profissionais que tecem sonhos, pintam histórias e bordam lembranças.

## **2.5 – A CRIAÇÃO DO GRUPO ARTCRUZ: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS**

Para o desenvolver desse memorial e para uma melhor compreensão da importância do artesanato na vida das artesãs do Artcruz, convidei algumas colegas do grupo para contribuírem com suas experiências, histórias, memórias, vivências e aprendizados adquiridos com o trabalho artesanal. Das 17 (dezesete) artesãs que fazer parte do grupo, apenas 6 (seis) se sentiram à vontade para participar da entrevista. Muitas de suas falas serão reproduzidas ao longo desse texto, a fim de que possamos ter um melhor entendimento da relação entre o fazer artesanal e a vida humana.

A faixa etária das artesãs participantes é dos 49 aos 61 anos de idade. São mulheres pardas e negras, todas são mães, sendo 3 (três) casadas, 1(uma) viúva e 2 (duas) mães solteiras. Cinco delas são baianas e uma sergipana, mas todas são moradoras do município de Cruz das Almas. Em se tratando de orientação religiosa, 4 delas se declararam evangélicas, enquanto 2 delas são católicas. Quanto à instrução formal, uma delas tem graduação em enfermagem, outras tem apenas o primeiro grau do ensino médio e as outras têm o segundo grau completo.

No que se refere à atividade profissional com outro tipo de renda, além do artesanato, a que é enfermeira também atua em alguns serviços relacionados à formação, mas não atua diretamente como enfermeira. Duas delas são aposentadas e uma é pensionista. Portanto, todas elas têm uma renda além do artesanato.

Algumas informações que serão expostas aqui não estão presentes nas falas das colegas entrevistadas, mas fazem parte dos relatos que ouvi das outras artesãs ao longo de 12 (doze) anos de convivência.

Escolhi falar sobre um grupo de artesãs de Cruz das Almas porque elas me representam, me inspiram, e, sobretudo, pela história de vida de cada uma delas. Sou a mais nova num grupo com 17 artesãs e uma florista, que juntas desenvolvem diversos tipos de trabalhos artesanais e manualidades. Dentre estes temos o fuxico, bonecas de pano, camisas e vestidos pintados e customizados à mão, panos de prato, macramê, crochê, tricô, bordados, biscuit, saboaria, trabalho em feltro e E.V.A e flores naturais.



Figura 1: Parte do grupo Artcruz na Expoflores 2019  
Fonte: Acervo da artista



O valor do artesanato na economia e cultura do Brasil é de uma importância imensurável. E além da ação que ele causa nessas áreas de atuação humana, deve-se ainda destacar a ação psicológica e emocional na vida de quem o produz. Ele gera uma diversidade de fazeres, sentimentos e pode envolver todos os sentidos humanos.

As artesãs do ArtCruz me mostraram que mesmo o nosso trabalho não tendo o devido reconhecimento, é muito prazeroso trabalhar com o que você gosta, com o que te faz bem, porque isto preserva nossa mente e nosso espírito. Presenciei história de mulheres que sustentaram suas famílias vendendo panos de pratos e biscuit; outras que fugiam da depressão fazendo flores de fuxico; outras que se libertaram de relacionamentos abusivos, porque começaram a ter sua própria renda através do artesanato.

Essas histórias corroboram com o que defende o antropólogo Ricardo Lima (2011).

“A riqueza do artesanato brasileiro passa pela diversidade do fazer artesanal. Ele é diverso e é rico tanto pelas matérias primas que emprega, quanto pelas técnicas segundo as quais os objetos são confeccionados e também, devido às realidades que são vividas por aqueles que o produzem.” (p. 189)

Não é só um produto, uma boneca, uma toalha, um carrinho de madeira, um colar ou qualquer outro objeto. Não é sobre o preço, mensurado por uma moeda. É sobre não poder mensurar uma noite perdida, uma lágrima de tristeza, de dor, de desesperança e de esperança, de felicidade, de auto estima, de capacidade, identidade, empoderamento.

Isso pode ser observado na fala da colega Jasmine<sup>1</sup>, que teve sua vida impactada pelo artesanato.

“...surgiu na verdade por necessidade...assim como é que eu posso dizer, a necessidade que eu tive a depressão, então surgiu como a necessidade “peu” puder me descontraír ocupar a mente e hoje eu já falei antes eu faço parte do grupo e hoje eu já faço mais por prazer, do que por necessidade psicológica né”. (JASMINE)

O grupo tem em média 10 anos de formação e ao longo desses anos temos enfrentado muitos desafios, como a dificuldade de formalização das artesãs, a interferência de políticos, e também as idas e vindas de pessoas que não entendem a essência do nosso trabalho.

A manutenção do grupo ArtCruz teve um apoio significativo do CESOL Recôncavo (Cento Público de Economia Solidária).

“Os Cesols são instrumentos importantes para a consolidação de uma política pública transversal para a economia solidária na Bahia, convergindo diversas ações de formação, assistência técnica, divulgação, comercialização, crédito, expressão cultural e articulação social e política do movimento de economia solidária. Portanto, são centros de excelência e difusão da economia solidária que oferecem condições para o desenvolvimento territorial com ampla participação da sociedade civil.”  
(SETRE – BA)

Com o CESOL tivemos oportunidades de participar de várias feiras de artesanato em algumas cidades da região do recôncavo. Nelas conhecíamos artesãos de lugares diferentes com trabalhos diferentes o que também nos abria o horizonte para a possibilidade de fazer coisas que ainda não fazíamos e de também aprimorar os nossos trabalhos. O CESOL é um exemplo de política pública necessária para o fomento de atividades artesanais no estado, visto que ele já ofereceu suporte financeiro para alimentação, hospedagem e locomoção de artesãos para participarem de férias e exposições em outras cidades.

Apesar do incentivo oferecido pelo CESOL, a política da instituição diverge com as ideias do nosso grupo, posto que somos um grupo com produções diferentes. O CESOL abarca grupos de artesãos com produção coletiva, ou seja, eles sugerem uma coleção e todos os artesãos trabalham com base no que eles selecionam para um determinado período. Entretanto, nós do ArtCruz acreditamos no artesanato como um fazer livre, criativo, sem molduras. O mais interessante para nós, no CESOL, seria o uso do espaço para vendas.

Com a mudança do cenário político do município, nas eleições de 2020 perdemos o espaço do CESOL e não tivemos mais outro local para exposição fixa dos nossos produtos, o que dificulta melhor divulgação e venda de nossas produções. Assim seguimos tentando a formalização do grupo ArtCruz na esperança de conseguirmos um espaço próprio para nosso artesanato.

Como integrante do grupo, vejo constantemente belos trabalhos produzidos pelas companheiras e entendi que essas riquezas precisam ser compartilhadas com o máximo de pessoas possíveis. Apesar de sermos um grupo pequeno, temos anseios e sonhos enormes e a capacidade de produção artesanal e até artística do nosso grupo é muito grande e merece ser reconhecido.

Somos um grupo de mulheres e temos as nossas diferenças, mas nos abraçamos, nos respeitamos e nos ajudamos sempre. As artesãs que participaram deste trabalho têm seus nomes substituídos por nomes de flores, a fim de manter a integridade e sigilo sobre suas vidas. Nos trechos de suas falas a partir de então, é possível identificar exemplos vivos da ação do artesanato no nosso cotidiano enquanto mulheres e artesãs e a forma como esse fazer contribui na nossa vida como um todo.

(...) uma contribuição que não tem preço, foi como eu tivesse achado uma, uma nova família de novo, graças a Deus, agente se entende bem, se acolhe muito bem uma com a outra, sem falar que quase somos quase todas evangélicas né, isso já conta e também o processo que eu tava passando como eu ficava muito só, é muito bom pra mim, um dia que eu passo lá parece que eu já vivi um ano a mais, lá agente se conversa, descontraí então pra mim é muito bom, quem já teve o processo de depressão tá interagindo com outras pessoas é muito bom, e pra mim foi de grande valor. (JASMINE)

A fala de Jasmine, faz entender o artesanato como uma atividade terapêutica, curativa, integrativa e restauradora e, se observarmos a velocidade com que as transformações têm acontecido no mundo contemporâneo, vamos entender como as inovações tecnológicas e o modelo vigente do capitalismo impulsionam as pessoas ao isolamento social, ao individualismo, à competitividade e também à solidão, o que pode gerar nos indivíduos um sentimento de abandono, insegurança, baixa autoestima e fraquezas. A prática artesanal, e os grupos artesanais vêm, portanto, na contramão, oferecendo saúde mental, equilíbrio, esperança, sentimento de capacidade e empoderamento.

Estudos têm mostrado que a prática artesanal em grupo é importante para o reestabelecimento geral do indivíduo. “...Elas contribuem em muito com a vida uma das outras; umas são mais expansivas, outras mais introspectivas; contudo, todas foram e são fundamentais para a evolução e amadurecimento umas das outras e do grupo de artesanato como um todo...” (SCARDOLELLI e WAIDMAN, 2011, p. 294)

Em outro trecho as autoras mostram como o trabalho no grupo de artesanato provoca transformações positivas em muitos aspectos da vida das artesãs.

“... para essas mulheres, o grupo de artesanato representa uma saída da rotina, uma busca por momentos de prazer e uma ruptura com a tensão dos problemas cotidianos e se coloca em contraposição ao contexto em que elas vivenciam, muitas vezes, desgastante, extenuante e estressante; é uma forma de usufruir de momentos de expressão de criatividade, de gozo, de

ocupação de espaço e tempos, de distrair, de rir, são momentos de cuidado de si, na busca por uma melhor qualidade de vida.” (SCARDOLELLI e WAIDMAN, 2011, p. 295)

Outra fala que me chamou à atenção foi a de VIOLETA, quando fala sobre a importância do artesanato para a sua vida:

“Uma contribuição de valor daquilo que sou, pelo que aprendi com minha mãe, minha avó, que a mulher na nossa sociedade sempre foi muito difícil, é... o trabalho, o lado profissional, o lado de conquistar o seu espaço, então para mim é algo de muito valor porque dá significado à minha vida, de busca de conquista é algo que eu amo fazer, então se eu amo fazer me traz prazer, me traz satisfação, então foi algo de muita importância na minha vida.” (VIOLETA)

É esse mesmo sentimento que se vê na fala de Jasmine: “O que me motivou foi eu ter como sair de casa mais um pouco e descontraí minha mente e então eu fui fazer uma visita e gostei das participantes que estavam no grupo me recebeu no momento e a gente teve uma interação...” (JASMINE)

A mesma compreensão pode ser vista na fala de Astromélia:

“É auto estima, empoderamento, é você fazer algo que te faz bem, sabe? Você trabalha, você faz o artesanato e se sente bem com a coisa que faz.(...) principalmente pa participar de eventos, eu não tinha essa.... esse empoderamento de viajar, de sair, de participar de feiras e eventos, na questão familiar era muito complicado e depois que eu consegui me juntar no grupo eu consegui participar de vários eventos dentro e fora do município. Foi muito bom.” (ASTROMÉLIA)

As falas dessas mulheres ainda trazem à tona uma questão histórica, social e cultural que precisa ser reparada historicamente, socialmente e culturalmente pela humanidade. Segundo Imbroisi e Kubrusly apud Vieira (2014),

“...no período medieval as mulheres bordavam, costuravam, faziam renda, tricô e crochê, mas, mesmo produzindo suas peças e possuindo a habilidade nesta produção, não eram admitidas nas oficinas dos artesãos (...). Sua participação era proibida. Portanto, dominavam as técnicas e também o fazer e o pensar artesanal, porém, não eram consideradas como artesãs e nem participantes do mercado de trabalho, mas sim, mulheres prendadas para o âmbito doméstico e familiar, ou seja, ostentavam atributos esperados de mulheres jovens que pretendiam se casar.”(p. 24)

Além das raízes históricas que criam uma cultura de desvalorização da prática artesanal, outros fatores também surgem como impeditivos para que, principalmente, as artesãs não tenham o devido reconhecimento pelo seu trabalho. Um desses fatores citados por todas as participantes desta pesquisa foi a falta de políticas públicas que deem o suporte devido e necessário para elas.

Essa realidade fica evidenciada nas falas a seguir:

“Bem, eu acho assim, que tem aquele ditado antigo “que uma andorinha só não faz verão né?”. A gente quer e ser empoderamento para a mulher, a gente quer que, é... o pessoal se capacite, que o pessoal cresça e sozinha a gente não consegue isso, então eu acho que um... um grupo que se torna.... transforma em associação, vai conseguir agregar mais força a causa.” (ASTROMÉLIA)

Uma visão semelhante é encontrada na fala de JASMINE,: “O artesanato de Cruz das Almas, eu acho que ele tá precisando de um impulso, que a gente não tem nenhum impulso assim né?! Nem uma ajuda por parte dos governantes, eu acho que precisa muito disso.” (JASMINE). O mesmo vemos ainda na fala de BEGÔNIA:

Que as pessoas tenham um olhar diferenciado pro artesanato né, que... que... a população tenha um olhar diferenciado, que as vezes a gente tem certa dificuldade com isso aqui na cidade, que os gestores públicos tenham um olhar diferenciado. Às vezes a gente tem um gestor público que sim, às vezes um gestor público que nem tanto (...) acho que isso é o que falta para que nosso artesanato, que é muito bonito, não só o nosso falando eu e mainha, mas o artesanato de... de Cruz das Almas, o artesanato muito bonito. Poderia assim ser levado aí pelo Brasil todo, mas a gente precisa realmente um olhar, de uma visão diferente para o artesanato. Isso realmente a gente tem muita dificuldade(...)”.

Essas falas validam alguns dos principais motivos para a criação do grupo Artcruz, sendo que por meio dele, as artesãs encontram segurança, apoio, uma rede de apoio que oferece suporte em áreas diversas, uma vez que elas têm umas às outras como agente de valorização, incentivo, reconhecimento de seus trabalhos.

“O artesanato em Cruz das Almas eu vejo que precisa de políticas públicas, precisa de mais atenção do poder público, precisamos de cursos,

precisamos de local para trabalhar, precisamos de cursos, precisamos de local para trabalhar, precisamos de local pra demonstrar o nosso trabalho pra vender o nosso trabalho, eu acho que precisa muito melhorar.” (VIOLETA)

É necessário pontuar o que Keller diz sobre a formação de grupos de artesanato.

A formação de uma associação ou de uma cooperativa potencialmente traz vantagens para o artesão isolado. Indícios de pesquisa apontam que as cooperativas de artesãs desempenham papel de destaque nos termos de referência das políticas de fomento, sendo uma exigência legal que a promoção de ações de fomento seja direcionada para associação ou cooperativa de artesãos e não para o artesão individual.” (p. 328)

Embora a formalização do ArtCruz ainda não tenha sido definitiva, a formação do grupo já traz benefícios para seus integrantes. Na fala de Crisântemo ela traz mais uma vez a importância do grupo também.

“... o companheirismo, o incentivo, uma com a outra entendeu? E assim o crescimento também até porque a gente cresceu né, a gente cresceu então foi muito bom, foi um apoio uma com a outra e ta sempre ali interagindo uma com a outra né, ai por isso que né bom buscar o grupo né pra crescer. “

O Grupo ArtCruz surgiu após as experiências que íamos vivendo nas férias de artesanato. Não há uma data exata de quando nós resolvemos formalizar o grupo, mas é certo que sempre que precisávamos de algo de algum político ou alguém responsável por algum órgão, nós íamos em grupo para que a junção de pessoas surtisse um melhor resultado no que solicitávamos.

A fala de VIOLETA traz luz à essa questão:

“A importância do grupo é que uma sozinha pra conseguir várias coisas é muito difícil, mas quando a gente se une quanto grupo a gente adquire força, adquire espaço é... a união né isso? É importante porque o sonho de uma artesã é o sonho da outra, é o sonho da outra, e isso une sonhos e a gente acaba conquistando os nossos espaços através dessa união”. (VIOLETA)

Desta forma, já são quase 12 (doze) anos caminhando juntas, lutando por condições melhores de trabalho e reconhecimento.

Quando participamos das feiras nós entramos em contato com várias pessoas e vários grupos de artesãs e, nas conversas, vimos que alguns artesãos participavam das feiras com o apoio de associações e cooperativas que ajudavam os associados

dando apoios de custo nas passagens, hospedagem e alimentação, como uma forma de incentivar os artesãos a expandirem seus trabalhos e se tornarem conhecidos, além da possibilidade de aumentar suas vendas.

A formação de cooperativas de artesãos constitui uma importante estratégia para organizar trabalhadores informais do artesanato. Traz a potencialidade de ser um instrumento para melhorar as condições de vida e de trabalho dos artesãos e fazer frente ao domínio dos comerciantes “atravessadores”, e ainda, enfrentar as mudanças e dinâmicas deste segmento. (KELLER. p. 328)

Outro aspecto importante revelado por esta pesquisa é a questão da renda advinda do artesanato, pois 100% das entrevistadas mostraram que o artesanato é apenas uma complementação de renda. Para nenhuma delas é a renda principal. Isto também está diretamente relacionado à questão da valorização dessa atividade. Vejamos a fala de uma das participantes da pesquisa: “Complementa né, essas coisas assim, água, luz, conta de internet, uma coisa e outra que tem que ajudar os filhos, mas é muito bom.” (CRISÂNTEMO)

VIOLETA traz uma realidade igual à citada anteriormente:

Quando eu comecei a fazer artesanato eu tinha 14 anos, fiz um curso de pintura em tecido, daí comecei a vender toalha de prato. Aprendia a costurar desde muito pequena, e eu mesmo, eu mesma trabalhava com minhas peças, costurava dava os acabamentos, minha mãe fazia o crochê. Enfim, o artesanato sempre esteve presente na minha vida, mesmo eu trabalhando em outras empresas como vendedora, tendo outras atividades, mas o artesanato sempre fez parte de complemento de renda. (VIOLETA)

A prática artesanal, normalmente, é uma atividade paralela a outras atividades, o que se deve ao fato dos ganhos serem insignificantes para muitos artesãos e ainda há a dependência da aprovação do mercado interno e externo para o sucesso de um produto. E, essa aprovação, muitas vezes, depende da aceitação e da demanda dos consumidores.

No caso de Cruz das Almas, essa situação se acentua porque não existe na cidade um artesanato com características culturais e identitárias, isto é, não temos no município um produto que traga em si os elementos constitutivos e representativos da história e cultura cruzalmense.

Como se vê na fala de BEGÔNIA,

“a gente vê o artesanato muito diversificado né, a gente não tem uma identidade própria de Cruz das Almas. A gente não tem uma identidade própria, mas a gente percebe que tem vários tipos de artesanato (...) é um grupo que tem vários tipos de artesanato, então a gente percebe que, o artesanato de Cruz das Almas ele não tem uma identidade.”

Esses motivos nos impulsionaram a formalizar o grupo ArtCruz, para que entre outras necessidades, nós pudéssemos constituir um grupo de artesãs que juntas se lançassem na tarefa de desenvolver práticas artesanais capazes de representar o povo, a história e a cultura do nosso município.

Sentimos a carência de cursos, formações, aperfeiçoamentos que nos ajudem a melhorar nossas técnicas e conhecer outras diferentes das nossas que possam também aprimorar o que já fazemos. E, principalmente, alguns cursos na área de empreendedorismo e vendas, porque muitas vezes, o baixo retorno financeiro do artesanato é, justamente, porque não sabemos precificar nosso produto, não sabemos finalizar uma venda, oferecer mais produtos a um comprador potencial e alguns outros elementos como embalagem, entrega do produto e venda pela internet.

“Cruz das Almas tá precisando de capacitação, nas feiras e eventos a gente vê muito, assim muita coisa repetida, tipo um copia e cola e eu sei que muitas mulheres na cidade e homens também tem a capacidade maior de fazer um trabalho melhor, de desenvolver a sua criatividade, então tá faltando muito a parte de capacitação dentro da cidade.” (ASTROMÉLIA)

Assim, embora o universo criativo e universo de possibilidades sejam imensuráveis, muitos são os desafios que tem nos atrasado no processo de alçar novos vôos na nossa prática artesanal no município de Cruz das Almas. Acreditamos que é possível construir uma nova história, trazendo para a nossa cidade riqueza, cor, possibilidades, gerando emprego e renda, inclusão e transformação. É preciso que os agentes públicos enxerguem a grandeza dessa atividade e tomem essa causa como prioridade, entendendo a relação estrita entre cultura e economia, observando que uma ação pública coerente, inclusiva pode gerar resultados positivos para o desenvolvimento da cidade.



## 2.6 ANÁLISE DA OBRA: ENTRE PONTOS E FUXICOS, COLO E BORDO O QUE ACREDITO

A obra “*Entre pontos e fuxicos, colo e bordo o que acredito*” é uma produção artística que utiliza técnicas artesanais para representar o grupo de mulheres artesãs do ArtCruz. Ela foi confeccionada por meio da junção da técnica do fuxico, do bordado, da colagem e da fotografia. A obra foi pensada depois de inquietações que surgiram com a participação em algumas feiras e exposições de artesanato que participei nos últimos anos e que estão inclusas neste memorial.

Não foi fácil decidir qual técnica utilizar para a confecção da minha poética, tendo em vista a diversidade que existe dentro do universo que é o artesanato. A obra foi desenvolvida a partir de fotografias previamente autorizadas pelas artesãs citadas no corpo do trabalho. Cada tecido/tela foi confeccionada em tecido algodão cru 100 % algodão, material amplamente usado no artesanato, com a dimensão 50cm X 80cm cada uma. Não teve uma ordem exata para cada coisa, visto que não tinha um passo a passo de como seria feito até chegar ao resultado final.

Para dá início ao bordado foram utilizados lápis e papel, para criar o traçado a ser bordado. Posteriormente esse traçado foi transferido para o tecido, colocando o tecido sobre o papel e marcando o traço que serviu como guia para o bordado. Após o risco ser transferido para o tecido, colocou o mesmo no bastidor feito de madeira, que auxilia no sustento do tecido, facilitando assim o manuseio do tecido durante o bordado. Em seguida, o desenho foi contornado por linhas ao redor e sobre toda a foto, depois dela ter sido transferida para o tecido/tela.



Figura 2: Desenho feito a lápis através de fotografia  
Fonte: Acervo da artista



Figura 3: transferência do desenho para o tecido  
Fonte: Acervo da artista



Figura 4: Técnica de bordado, ponto atrás. Tecido preso ao bastidor  
Fonte: Acervo da artista

Para diversificar a composição da tela, decidi trabalhar também com fuxico, técnica que geralmente utiliza sobras de tecidos, linhas e agulha. De origem imprecisa, o fuxico tem sua história ligada às mulheres que utilizavam sobras de tecidos cortados em círculo e costurado na extremidade para fazer tapete, colchas, toalhas de mesa, enquanto conversavam entre si sobre as demandas do dia a dia e sobre a vida uma das outras (fuxicavam).

“O fuxico em forma de trouxinha é muito usado no artesanato, na moda e na decoração. Podemos ver o fuxico em forma de pétala em adereços para cabeça, colares e broches. Não se sabe a origem do fuxico, mas estudos mostram que, no Brasil, teve origem no período colonial, através do aproveitamento de retalhos de tecidos.” (PILAR E MEDEIROS. 2021. p.425)

As flores que se formam com o fuxico dão margem à criação de diversos produtos, seguindo a criatividade de quem o faz.



Figura 5: Etapas de produção de um fuxico  
Fonte: Acervo da artista

Além do fuxico trabalhei com bordados, utilizando as técnicas que aprendi na Universidade. Usei os pontos: atrás, margarida, ponto reto e ponto haste. O bordado é uma técnica milenar que por muitos anos foi passado de geração em geração. Porém, com a mudança da rotina das famílias foi perdido esse costume fazendo com que muitos pontos de bordado fossem esquecidos. Embora muitos pontos tenham sido deixados de lado ao longo dos anos, nas últimas décadas pode-se observar a retomada da utilização do bordado em vestimentas, peças decorativas e acessórios.

“O bordado é uma técnica de ornamentar tecidos, através do uso da agulha, com linhas variadas, pedrarias, paetês, contas diversas a fim de criar texturas e relevos em uma ilimitada possibilidade de experimentação. Não há registro preciso da data exata na qual o primeiro bordado foi executado, porém há muitos séculos que o ser humano pratica a intervenção ornamental por aplicação de linhas e contas em tecidos. Muitas foram as técnicas concebidas no desdobrar dos séculos, como: ponto-cruz, needlepainting, luneville, entre outros incontáveis pontos que texturizam e abrangem toda a expressividade de quem o faz”. (SOUZA, 2019, p.26)

Fiz o bordado utilizando agulhas comuns para costura à mão, nos tamanhos 10 e 12 com linhas para bordado 100% algodão das marcas Anne e Clea. Tomei como inspiração os pontos do mostruário a seguir, os quais forma feitos nas aulas de Memória e Oralidade.



Figura 6: Mostruário de pontos de bordado  
Fonte: Acervo da artista

O colorido das peças ficou por conta das colagens e do fuxico, fazendo o preenchimento das formas obtidas através do desenho, com reaproveitamento de tecido usados nas confecções dos meus artesanatos e nas costuras feitas por mainha.

A colagem é um processo que está presente na arte, de maneira mais intensa, desde o Cubismo. Mesmo na contemporaneidade, com os meios tecnológicos, ela parece não ter desaparecido, estando presente nos procedimentos de produção das imagens. Este fato nos instigou a tomar como objeto de estudo a colagem. (BERNARDO. 2012. p. 18)



Figura 7: Técnica de colagem  
Fonte: Acervo da artista

Por fim, utilizei também a fotografia, que foi editada com efeito preto e branco impressa em papel transfer A4 para tecidos claros. Com auxílio de um ferro para passar roupas, transferi para o tecido e coloquei alguns pontos de bordado por cima. Escolhi a edição da fotografia em preto e branco para não ofuscar a beleza do colorido das outras técnicas.

A finalização da poética pode ser observada nas páginas que seguem:



Tela 1  
Fonte: Acervo da artista



Tela 2  
Fonte: Acervo da artista



Tela 3  
Fonte: Acervo da artista



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que serviu de base para esse trabalho me fez perceber que ainda há uma série de desafios a serem vencidos no que diz respeito ao artesanato no município de Cruz das Almas e na valorização dos trabalhos desenvolvidos pelas artesãs da cidade. Esses desafios perpassam, sobretudo, por questões relacionadas às implementações de políticas públicas adequadas que percebam a grandeza que é o fazer artesanal, tomando essa questão como um compromisso social.

É importante dizer que o artesanato tem muitas potencialidades. Ele pode incitar a criatividade do indivíduo, pode agir como uma oportunidade ocupacional, gerar renda, incluir, estabelecer conexões entre as pessoas, reestabelecer o bem estar físico e mental também.

Artesanato é vida, é cor, natureza, história, comunidade, respeito, afeto, compreensão, esperança, é interação, é identidade. E junto a esses adjetivos poderiam se somar uma infinidade de outros que também não seriam capazes de dar conta da grandeza que é essa atividade humana.

É imprescindível dar continuidade aos saberes que são passados de geração a geração e que marcam um tempo, determinam e contam uma história e criam uma identidade para um grupo social. Não é só reduzir o trabalho das artesãs do ArtCruz apenas ao fator econômico, financeiro. É valorizar cada pequeno ou grande trabalho feito como uma representação histórica, política, cultural e social de um povo.

Os dados apontam para uma ausência de elementos que possam fomentar o desenvolvimento do artesanato em Cruz das Almas, capaz de gerar algo que simbolize a riqueza do município. Essa ausência se dá tanto pela valorização do fazer artesanal, quanto pela falta de espaços de reconhecimento dos produtos e de seus produtores e pela falta de programas de incentivo financeiro, intelectual, técnico para as artesãs e também artesãos da cidade.

Isso concorda com os estudos desenvolvidos por Lima, Borges, Keller e tantos outros autores que afirmam a necessidade de modificar a visão social que se tem do artesanato, entendendo que não se trata apenas de objetos das classes sociais menos favorecidas, já que, segundo esses estudiosos, tal concepção é fruto do exercício do poder das classes dominantes que colocam seus objetos em galerias e

os vendem como arte enquanto que as outras camadas sociais tem seu produtos “artesanais” expostos em feiras e com depreciação de preço e valor.

Vejo, portanto, que a poética “Entre pontos e fuxicos, colo e bordo o que acredito”, representa uma possibilidade de resgatar os valores que estão embutidos em cada peça artesanal produzido pelas mulheres artesãs do ArtCruz e também de outras artesãs do município de Cruz das Almas- BA. Uma vez que eles carregam traços de suas histórias, suas lutas, conquistas, suas buscas por um lugar na sociedade, por seus medos, anseios e, sobretudo, a esperança de por meio do artesanato, transformarem suas vidas em autênticas obras de arte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Juliana Ferreira. **Colagem nos meios imagéticos contemporâneos**. São Paulo: 2012. Disponível em [file:///C:/Users/Elenise/Downloads/bernardo\\_jf\\_me\\_ia.pdf](file:///C:/Users/Elenise/Downloads/bernardo_jf_me_ia.pdf)

BONETI, Daiani. **A produção artística a partir do artesanato: um olhar sobre as fronteiras entre a arte e o artesanato**. Disponível em <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/395/1/Daiani%20Bonetti.pdf>. Acesso em 14/04/2021.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. Bureau, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Artes. Ensino Médio. 1998.

CEZARINHO, Felipe Arnaldo. **A guerra de espadas em Cruz das Almas (BA) - (1980-2016)**. 2018. Disponível em <https://www3.unicentro.br/ppgh/wp-content/uploads/sites/47/2019/03/FILIPE-ARNALDO-CEZARINHO.pdf>. Acesso em 20/06/2021.

KELLER, Paulo F. **O artesanão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea**. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/21342/12653>. Acesso em 01/07/2021

KELLER, Paulo F. **O artesanão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea**. 2014. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/21342/12653>. Acesso em 15/09/2021.

-----, Paulo. **Artesanato em debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima**. R. Pós Ci. Soc. v.8, n.15, jan./jun. 2011. Disponível em : <http://www.periodicoselectronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/593>. Acesso em 18/08/2021.

LIMA, Marcela Fonseca. **Design e artesanato: relações de poder**. 2015. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-e-artesanato-relaes-de-poder-22487>. Acesso em 28/03/2021.

LIMA, Ricardo. **Artesanato: cinco pontos para discussão**. Palestra artesanato solidário. Central Artesol 2005. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato\\_Cinco\\_Pontos\\_para\\_Discussao.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato_Cinco_Pontos_para_Discussao.pdf) . Acesso em 28/04/2021.

MEDEIROS, Rosana Fachel. **Artes Visuais na Pedagogia: atelier de criação de bonecos de pano Anlice Dutra Pillar** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul

— UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasi. Secretaria Municipal da Educação de Canoas — SME, Canoas/RS, Brasil). Acesso em 02/09/2021.

READ, Hebert. **A educação pela arte**. WMF Martins Fontes - POD; 2ª edição (28 julho 2016) São Paulo.

SANTANA, Alino Matta. **Livro do Centenário 1897-1997 – Marcos do Progresso de Cruz das Almas**, Cruz das Almas – Bahia, Bureau, 1997.

SCARDOELLI, Márcia Glaciela da Cruz, WAIDMAN, Maria Angélica Pagliarini. **“Grupo” de Artesanato: espaço favorável à promoção da saúde mental**. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/8rFYS4NwRtVVwBTPTbGRbKr/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20/07/2021

SILVA, Rogério Santana da. **Artesanato e território criativo: o caso de maragogipinho**. 2019. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/20182\\_TCCconcludo/s/SILVA\\_Artesanato\\_TerritorioCriativo.pdf](https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/20182_TCCconcludo/s/SILVA_Artesanato_TerritorioCriativo.pdf) . Acesso em: 28/05/2021.

SOUZA, Everaldo dos Santos. **A história da feira livre de Cruz das Almas-BA: uma proposta de educação patrimonial**. 2020. Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/585142> Acesso em 02/09/2021.

VERGARA, Sylvia, SILVA, Heliana. **Organizações artesanais: um sistema esquecido na teoria das organizações**. Revista Portuguesa Brasileira de gestão. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbpg/article/view/78956>. Acesso em 11/09/2021.

VIEIRA, Geruza Silva de Oliveira. **Artesanato: Identidade e Trabalho**. 2014. Disponível em : <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4583/5/Tese%20-%20Geruza%20Silva%20de%20Oliveira%20Vieira%20-%202014.pdf>. Acesso em: 31/03/2021.

## ANEXOS

### Questionário

1. Qual seu nome?
  2. Qual a sua naturalidade?
  3. Qual a sua idade?
  4. Casada? Sim( ) Não( ) Viúva( ) Divorciada( )
  5. Tem filhos? Sim( ) Não( ) Quantos( )
  6. O que você tinha vontade de ser quando crescesse?
  7. Lembra de alguma coisa relacionado ao artesanato em sua infância? Tinha alguma pessoa em sua família que fazia artesanato?
  8. Quando começou a trabalhar, qual foi o seu primeiro emprego?
  9. Como você começou a fazer artesanato? fale como se da sua rotina na produção do seu artesanato.
  10. O artesanato é sua principal fonte de renda? fale sobre a contribuição da venda do artesanato para a renda familiar.
  11. O que significa o artesanato pra você?
  12. Como você ver o artesanato de Cruz das Almas?
  13. Na sua opinião o que falta para que haja crescimento do artesanato em Cruz das Almas?
  14. Muitas cidades tem um artesanato ligado a cultura que as representem, você acha que Cruz das Almas tem algum artesanato que a represente? Qual?
  15. O que te motivou a participar de um grupo de artesanato?
  16. Qual a contribuição do grupo ao seu artesanato e na sua vida?
  17. Qual a importância do grupo no artesanato de Cruz das Almas?
-

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Hildete Santos de Azevedo, portador(a) da cédula de identidade nº 21.163.715-70 CPF nº 238.343.315-20, residente na rua Miriam Góes, nº 197, bairro Dona Rosa na cidade de Cruz das Almas – BA, autorizo o uso da minha imagem em foto e/ ou filmes e depoimento para qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrição, para a estudante de Bacharelado em Artes Visuais, Elenise Santos de Camargo, portador da cédula de identidade 1304861597 e CPF de nº 04036752510, residente na rua Rafael Farias, Nº 103, Parque Santa Cruz, Cruz das Almas – BA.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso de imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades, incluindo website. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso descrito acima.

Cruz das Almas, 24 de Maio de 2021.

Ass: Hildete Santos de Azevedo

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Michele de Azevedo Perqueira Aires, portador(a) da cédula de identidade n° 08961331-76 CPF n° 001.863.595-43, residente na rua Minas Gerais, 197, n° 197, bairro Dona Rosa, na cidade de Cruz das Almas – BA, autorizo o uso da minha imagem em foto e/ ou filmes e depoimento para qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrição, para a estudante de Bacharelado em Artes Visuais, Elenise Santos de Camargo, portador da cédula de identidade 1304861597 e CPF de n° 04036752510, residente na rua Rafael Farias, N° 103, Parque Santa Cruz, Cruz das Almas – BA.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso de imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades, incluindo website. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso descrito acima.

Cruz das Almas, 24 de Maio de 2021.

Ass. Michele de Azevedo e Aires

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Sonia Moura Santana Coelho, portador(a) da cédula de identidade nº 1590431073 CPF nº 905415538-27, residente na rua Alexandre Ferreira de Souza, nº 158, bairro Sabela, na cidade de Cruz das Almas – BA, autorizo o uso da minha imagem em foto e/ ou filmes e depoimento para qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrição, para a estudante de Bacharelado em Artes Visuais, Elenise Santos de Camargo, portador da cédula de identidade 1304861597 e CPF de nº 04036752510, residente na rua Rafael Farias, N° 103, Parque Santa Cruz, Cruz das Almas – BA.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso de imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades, incluindo website. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso descrito acima.

Cruz das Almas, 21 de maio de 2021.

Ass. \_\_\_\_\_

Sonia M. S. Coelho



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Ana Gabriela Joaquina Gomes Nogueira portador(a) da cédula de identidade nº 05118775128 CPF nº 54073685520, residente na rua Waltercio Fonseca, nº 192, bairro Arasmileia, na cidade de Cruz das Almas – BA, autorizo o uso da minha imagem em foto e/ ou filmes e depoimento para qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrição, para a estudante de Bacharelado em Artes Visuais, Elenise Santos de Camargo, portador da cédula de identidade 1304861597 e CPF de nº 04036752510, residente na rua Rafael Farias, Nº 103, Parque Santa Cruz, Cruz das Almas – BA.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso de imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades, incluindo website. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso descrito acima.

Cruz das Almas, 20 de maio de 2021.

Ass. Ana Gabriela Nogueira

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Cláudia Motaes dos Santos, portador(a) da  
cédula de identidade nº 0205356869 CPF nº 31393829520, residente  
na rua Cláudia Motaes, nº 325,  
bairro Do Resa, na cidade de Cruz das Almas – BA, autorizo o uso da  
minha imagem em foto e/ ou filmes e depoimento para qualquer meio de comunicação  
para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer  
ônus e restrição, para a estudante de Bacharelado em Artes Visuais, Elenise Santos de  
Camargo, portador da cédula de identidade 1304861597 e CPF de nº 04036752510,  
residente na rua Rafael Farias, Nº 103, Parque Santa Cruz, Cruz das Almas – BA.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso de imagem  
acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas  
modalidades, incluindo website. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que  
autorizo o uso descrito acima.

Cruz das Almas, 19 de maio de 2021.

Ass. Cláudia Motaes dos Santos

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Maria Glória Conceição Santos, portador(a) da  
cédula de identidade nº 02.357.97812 CPF nº 536.493.205-25, residente  
na rua H, nº 348,  
bairro Inocente, na cidade de Cruz das Almas – BA, autorizo o uso da  
minha imagem em foto e/ ou filmes e depoimento para qualquer meio de comunicação  
para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer  
ônus e restrição, para a estudante de Bacharelado em Artes Visuais, Elenise Santos de  
Camargo, portador da cédula de identidade 1304861597 e CPF de nº 04036752510,  
residente na rua Rafael Farias, Nº 103, Parque Santa Cruz, Cruz das Almas – BA.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso de imagem  
acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas  
modalidades, incluindo website. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que  
autorizo o uso descrito acima.

Cruz das Almas, 19 de maio de 2021.

Ass. Maria Glória Conceição Santos